Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 24 de Julho de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.816

Velhos amigos unidos para cultuar Sérgio Mendes
PÁGINA 2

Best-seller de Chico Xavier vai virar filme
PÁGINA 4

Exposição reflete vivências com povos originários
PÁGINA 8

2º CADERNO

Acervo da família

Nelson e o parceiro Agenor Oliveira numa das lives feitas durante a pandemia, quando os parceiros iniciaram o projeto de sambas inéditos

SAMBA DE ALTÍSSIMA PATENTE

Show no Rival Petrobras encerra homenagens do centenário de Nelson Sargento com inéditas e exposição de suas pinturas

Por **Affonso Nunes**

Tem sargento no nome, mas é da mais alta patente do samba. Nelson Sargento, que partiu em maio de 2021 aos 96 anos, ganha seu último tributo oficial no ciclo de celebrações do centenário, nesta quinta-feira (24), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. O espetáculo, produzido por Camilo Árabe e Elfi Kurten, é também a primeira homenagem ao bamba sem a presença de Evonete Belizario Mattos, companheira do sambista que morreu em abril.

Agenor Oliveira, parceiro de Nelson em grandes composições, comanda a noite ao lado do diretor musical Paulão 7 Cordas, seguindo o pensamento do amigo: "Se você não espalhar o que viu, a história não anda. O samba é um grande delator". Entre os convidados, Áurea Martins, Nilze Carvalho, Ilessi, Didu Nogueira e Mestre Siqueira.

O repertório percorre pérolas sargentianas como "Primavera", "Agoniza Mas Não Morre" e "Falso Amor Sincero", além de inéditas que integrarão um disco em fase final de produção. Durante o show, será apresentado em primeira mão o segundo single do projeto de inéditas iniciado por Nelson e Agenor antes da pandemia. "Será um documento, mais do que um disco com perfeição digital. Vamos manter tudo o mais real possível", promete Agenor.

Em paralelo, uma exposição revela a faceta menos conhecida do artista: suas pinturas naif. Os quadros, reunidos de acervos particulares, mostram a força da simplicidade com que retrata a vida cotidiana do Rio. Discípulo de Cartola e autor de mais de 400 composições, o "Filósofo do Samba" espalhou as raízes da Mangueira pelo mundo, defendendo o gênero que "agoniza, mas não morre" como ele cantou e ensinou aos que chegaram depois.

SERVIÇO

TRIBUTO A NELSON SARGENTO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) | Ingressos entre R$ 50 e R$ 120

CORREIO CULTURAL

Letícia Bueno/Divulgação

Rita Benneditto celebra 30 anos de carreira

Rita Benneditto em formato acústico no Teatro Laura Alvim

Rita Benneditto sobe ao palco do Teatro Laura Alvim nesta quinta-feira (24), às 19h30, com o show "Rita Benneditto – Acústico" a preços populares: R$ 10 e R$ 5 (meia).

Em formato intimista, acompanhada apenas pelo multi-instrumentista Fred Ferreira, a maranhense constrói um mosaico sonoro que transita entre tradições afro-brasileiras e sonoridades contemporâneas. O repertório revisita clássicos como "Impossível Acreditar que perdi você" e "Há Mulheres", além de sucessos do projeto Tecnomacumba, marco de 2003 que uniu tradição e modernidade. "Minha religião é a música, minha voz é meu coração", diz a cantora.

Adeus à Preta

O velório da cantora Preta Gil será realizado nesta sexta-feira (25), no Theatro Municipal, conforme comunicado divulgado nas redes sociais da artista. A cerimônia será aberta ao público, das 9h às 13h. A cantora morreu no domingo (20), em Nova York.

Série anunciada

Marília Mendonça vai ganhar uma série documental no Prime Video. A plataforma anunciou a produção sobre a vida e a carreira da cantora, que morreu em um acidente aéreo em Piedade de Caratinga (MG), em novembro de 2021.

Sentiu medo

Edu Guedes chorou ao lembrar do impacto da notícia do diagnóstico do câncer de pâncreas. O chef e apresentador afirma que ainda não caiu a ficha de tudo o que viveu após a descoberta da doença e tem se recuperado bem após quatro cirurgias.

Série anunciada II

Conhecida como a rainha da sofrência, a sertaneja revolucionou o gênero musical e se tornou a primeira artista brasileira a alcançar 10 bilhões de plays no Spotify, em abril do ano passado. A série ainda não teve seu título oficial revelado.

Divulgação

Victor Bilglione e Marcos Ariel têm em suas histórias musicais colaborações com o genial pianista brasileiro

O legado vivo de Sérgio Mendes

Marcos Ariel e Victor Biglione prestam homenagem ao pianista que levou a música brasileira ao mundo

Por **Affonso Nunes**

Depois de anos em silêncio, um dos endereços mais emblemáticos da Bossa Nova retoma as apresentações musicais. Nesta quinta e sexta-feira, o Vinicius, na icônica esquina da Prudente de Moraes com Vinicius de Moraes (antiga Montenegro), recebe o pianista Marcos Ariel e o guitarrista Victor Biglione para uma homenagem especial ao pianista Sérgio Mendes, falecido recentemente.

A parceria entre os dois músicos se estende por três décadas de amizade e colaborações artísticas e agora ganha novo capítulo na celebração de um dos maiores embaixadores da nossa música no exterior. Sérgio Mendes, que morreu em setembro do ano passado, aos 83 anos, deixou um legado que transcende fronteiras: três Grammys no currículo, uma indicação ao Oscar de melhor canção original em 2012 como coautor de "Real in Rio" (da animação "Rio") e décadas de sucesso internacional com o grupo Brasil 66.

O repertório escolhido para a homenagem percorre tanto os grandes sucessos que Mendes imortalizou quanto clássicos da Bossa Nova que marcaram sua trajetória. "Mas, Que Nada", "The Look of Love", "Going Out of My Head" e "A Batucada Surgiu" dividem espaço com composições de Tom Jobim como "Águas de Março", "Desafinado" e "Samba do Avião". Uma seleção musical que reflete a grandeza do sofisticado edifício musical erguido por Mendes.

A conexão entre os homenageadores e o homenageado não se resume à admiração artística. Ariel conviveu com Mendes durante sua carreira nos Estados Unidos, chegando a ter músicos da banda do pianista participando de seus próprios projetos. Biglione, por sua vez, chegou a trabalhar temporadas no conjunto de Sérgio Mendes através de sua participação na orquestra do maestro Eumir Deodato.

O show terá ainda com as participações da cantora Pri Viana e do baterista Helbe Machado, completando uma formação que promete recriar a atmosfera sofisticada e envolvente que caracterizou o trabalho de Sérgio Mendes.

A trajetória de Sérgio Mendes começou nos anos 1960, quando frequentava o lendário Beco das Garrafas em Copacabana, berço de uma geração de músicos que revolucionaria a música popular brasileira. Após participar do histórico concerto da Bossa Nova no Carnegie Hall, em Nova York, em 1962, Mendes percebeu o potencial do mercado americano e decidiu investir na carreira internacional. O resultado foi o álbum "Sergio Mendes & Brasil 66", que se tornou um marco na difusão da música brasileira no exterior e abriu caminho para que outros artistas nacionais conquistassem reconhecimento internacional.

SERVIÇO

MARCOS ARIEL E VICTOR BIGLIONE - HOMENAGEM A SÉRGIO MENDES
Vinicius (Rua Vinicius de Moraes 39, Ipanema)
24 e 25/7, às 21h
Ingressos a partir de R$ 55

A bossa da **Garota de Seul**

Yumi Park celebra Bossa Nova e Elis Regina no Beco das Garrafas

Por **Affonso Nunes**

A cantora sul-coreana Yumi Park retorna nesta quinta-feira (24), às 21h, ao palco do Beco das Garrafas para apresentar o projeto "Bossa & Elis", um espetáculo que divide-se entre os clássicos da Bossa Nova e uma homenagem especial à Elis Regina, considerada por muitos a maior cantora do Brasil.

Conhecida por sua versatilidade vocal que transita da leveza ao visceral, Yumi desenvolveu uma carreira sólida como intérprete de Bossa Nova e Jazz, conquistando reconhecimento tanto no Brasil quanto internacionalmente. Para este projeto específico, a artista reuniu um quinteto de músicos experientes: Francioni Renan (piano), Marlon Mouzer (violão de sete cordas), Alexandre Berreldi (contrabaixo) e Rodrigo Serra (bateria).

O espetáculo está estruturado em dois sets distintos. No primeiro, o público poderá ouvir os clássicos da Bossa Nova reinterpretados com influências jazzísticas, permitindo espaço para improvisos dos instrumentistas.

O segundo set é dedicado inteiramente ao repertório de Elis Regina, incluindo sucessos marcantes da carreira da "Pimentinha", como "Se Eu Quiser Falar com Deus", "Querelas do Brasil", "Como Nossos Pais" e "Deitar e Rolar".

SERVIÇO
YUMI PARK - BOSSA & ELIS
Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana)
24/7, às 21h | Ingressos: R$ 60

Divulgação

Yumi Park transita entre a Bossa Nova e o jazz

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Uma noite italiana

O tenor Thiago Arancam apresenta o show "Voz e Piano" no Blue Note Rio nesta quinta (24), com sessões às 20h e 22h30. O espetáculo reúne canções clássicas e sucessos contemporâneos, com destaque para o repertório italiano que marca a trajetória do artista. Descendente de imigrantes, Arancam cresceu ouvindo a língua italiana em casa e desenvolveu carreira nos principais teatros europeus. O show é uma homenagem afetiva à cultura italiana, que o acolheu profissionalmente e onde nasceu seu primeiro filho.

Divulgação

Reprodução YouTube

Voz autoral de Minas

Mineira de Sete Lagoas, a cantora e compositora BarbarAmor apresenta o show "Breu" no Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (24), às 19h. O espetáculo traz canções do segundo álbum da artista, lançado entre 2021 e 2022, explorando temas como ancestralidade, força feminina e sensibilidade negra. A performance combina música, corpo e palavra em uma proposta que transita entre afro-futurismo e poesia existencial. BarbarAmor é considerada uma das vozes mais autênticas da nova cena autoral mineira, atuando desde 2012 na música brasileira contemporânea.

Repertório variado

O Márcio Bahia Quarteto se apresenta nesta quinta-feira (24), às 19h, no Audio Rebel, em Botafogo. O show traz repertório variado com standards do jazz, composições autorais e clássicos da música instrumental brasileira. Márcio Bahia é baterista e percussionista de Niterói, formado na Escola de Música Villa-Lobos. Atuou na Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio por quatro anos e integrou o grupo do multi-instrumentista Hermeto Pascoal por 33 anos. Atualmente faz parte do Hamilton de Holanda Quinteto há uma década.

Renê Ernest/Divulgação

A doutrina espírita de Chico Xavier é tema de 'Sexo e Destino', longa inspirado no best-seller do médium mineiro

De prosa com Chico Xavier

'Sexo e Destino', baseado no best-seller homônimo, mergulha no universo do médium mineiro, sob a direção de Márcio Trigo, para falar de amor, perdão e família

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Sempre que se aproximou (com ambições artísticas) do legado de Chico Xavier (1910-2002), o cinema brasileiro lotou salas, inclua aí tanto a cinebiografia do médium mineiro, dirigida por Daniel Filho há 15 anos, quanto a franquia "Nosso Lar" (2010-2024), um ímã de multidões. É do universo literário psicografado por ele que hoje brota uma dupla promessa cinéfila: a de um novo sucesso para o mercado exibidor e de congregação de corações e mentes em sintonia com a espiritualidade. O novo projeto de longa-metragem derivado de Xavier, em parceria com Waldo Vieira (1932-2015), é "Sexo e Destino", cujas filmagens terminaram esta semana no Rio e tem estreia prevista para 2026.

Tomislav Blazic, produtor com um histórico de acertos pop no currículo (como "Polícia Federal – A Lei É Para Todos"), é quem recebe o Correio da Manhã numa visita a um dos sets da fita, nas areias do Leme, com Márcio Trigo na direção, tendo no time de roteiristas Rodrigo Santos, do romance cult "Macumba" e de "Carcará". "Fazer um filme que conversa com a doutrina espírita é uma premissa para divulgar o Bem, que é o nosso desejo, num mundo com muito radicalismo. Falamos de pessoas que se redimem em vida e, a partir delas celebramos a aliança pelo amor", diz Blazic, ao lado de seu realizador, Trigo, que emplacou em 2022 "Nada É Por Acaso", inspirado em Zíbia Gasparetto (1926-2018), outra best-seller ligada à sabedoria de Allan Kardec (1804-1869).

Renê Ernest/Divulgação

Márcio Trigo (ao centro) orienta o elenco do longa no set de filmagens de 'Sexo e Destino'

"Há uma perspectiva sobre perdão nesse filme que rodamos agora, no qual obsessor também tem redenção, que é saber reconhecer o erro e o limite do outro", disse Trigo, que busca uma forma dinâmica de trazer as reflexões de Xavier para as salas de cinema de hoje, adaptando certos retratos da sociedade que estão em contínua mudança, sem ferir nada da essência do texto. "O desafio é colocar as questões sempre de uma forma amena, mas assertiva, sem didatismo. Melodrama, quando bem contado, é algo de que eu gosto".

Elenco de peso

Um elenco de peso está em cena: Antônio Fragoso, Letícia Augustin, Carol Macedo, Raquel Rizzo, Tato Gabus Mendes, Bruno Gissoni, Totia Meireles, Tiago Luz, Jaedson Bahia e Rafael Cardoso. A trama não esconde os traços de folhetim que marcam os livros de Xavier. "Toda boa história é sobre pessoas", diz Rodrigo Santos, que assina o roteiro com Carolina Massote, Luísa Prochnik e o próprio Trigo. "Existe um arco de redenção, que a gente foi buscar no livro, mas tivemos que mexer nos diálogos dele, que eram mais expositivos, com tempos verbais no pretérito mais que perfeito, com mesóclises".

No enredo, Marita e Marina são filhas de Cláudio e Márcia Nogueira. Marita foi adotada quando sua mãe Aracélia, empregada da casa, suicidou-se. Marita namora Gilberto, filho de Nemésio e Beatriz, que está em seu leito de morte. Já Marina, carrega grande culpa por ter um caso com Nemésio e com Gilberto. Em meio a uma ciranda de afetos, um espírito perturbado impele Cláudio a ter relações com sua filha adotiva Marita. É aí que o espírito André Luiz e outros emissários do Nosso Lar, o mundo metafísico, terão de intervir a fim de proteger essas duas famílias que precisam resolver no presente desavenças de vidas passadas. "A doutrina está aqui", explica Trigo. "Ela aparece de forma leve, mas está em cena, numa busca minha de extrair o melhor de cada um na equipe".

O 'Karate Kid' do balé

Aula de superação à luz da perseverança, a saga de consagração mundial do bailarino Thiago Soares ganha as telas brasileiras com atuações inflamáveis de Darío Grandinetti e Matheus Abreu

Lucas Sadalla/Divulgação

Em sua fase aspirante, o bailarino Thiago Soares (Matheus Abreu) é treinado por Dino Carrera (Darío Grandinetti)

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Não se escutam imperativos como "Limpe o assoalho!", que consagraram a relação de tutor e aprendiz entre Daniel LaRusso e o Sr. Myiagi em "Karate Kid – A Hora da Verdade" (1984), na fineza de roteiro escrito por Camila Agustini para "Um Lobo Entre os Cisnes", que estreia nesta quinta-feira (24) no circuito exibidor nacional. Mesmo assim, é impossível não pensar no clássico da "Sessão da Tarde" da Globo, com Ralph Macchio e Pat Morita (1932-2005), diante da contagiante narrativa de superação, de mãos dadas com fatos reais, construída sob a direção de Helena Varvaki e Marcos Schechtman.

A base é a saga real do bailarino Thiago Soares, bamba do hip-hop do viaduto de Madureira que, no fim dos anos 1990, foi lapidado pelo coreógrafo cubano Dino Carrera (morto em 2006) até se tornar um dos dançarinos de maior prestígio da cena internacional do balé. Esse mestre foi essencial para a conquista do primeiro prêmio do artista brasileiro no exterior: a medalha de prata no Concurso Internacional de Dança de Paris, em 1998. A relação entre os dois ganha corpo e alma no longa-metragem de Varvaki e Schechtman na covalência plena de uma dupla de atores em estado de graça: Matheus Abreu (de "Dois Irmãos") e Darío Grandinetti, dínamo do cinema argentino conhecido por "Fale com Ela" (2002) e "Relatos Selvagens" (2014).

"São duas solidões que se encontram", diz Varvaki. "A solidão do Dino é a solidão de alguém que teve que deixar o seu país e, consequentemente, a potência que ele poderia ter sido como bailarino em Cuba, porque, como o próprio personagem diz, ele não podia ser ele mesmo lá".

Schechtman enxerga um encontro existencial muito profundo entre o Thiago e o Dino, que, de alguma forma, é estabelecido mesmo na ausência, em buscas distintas: "No caso do Thiago, é a busca de sentido de vida, no desejo de saber para onde ele ia na vida, o que ele ia ser", explica o diretor. "No caso do Dino, há o fato de ele não poder exercer sua própria identidade e sua sexualidade, sem poder ser plenamente quem é em Cuba".

Cercados de requinte na direção de fotografia de Pedro Faerstein (de enquadramentos nunca ortodoxos) e na direção de arte de Dina Salem Levy, Varvaki e Schechtman recriam o Rio da década de 1990 entre a Vila Isabel (onde Thiago viveu), a escadaria da Penha (onde treinou, a subir e descer centenas de degraus) e a Urca (a casa de Dino). O Theatro Municipal, assim como a escola de dança onde o artesão do movimento estudou, também estão em quadro, numa trama que conta com participações inspiradas de Alan Rocha, Margarida Vila-Nova e Augusto Madeira.

"A gente, enquanto direção, buscou que todos os corpos ocupassem e se deslocassem pelo espaço sempre pensando na dança nesse conceito ampliado", conta Varvaki. "O processo de criação do Matheus passou pela apropriação do corpo em movimento para além da dança, e isso foi filmado e capturado em vários momentos. Uma cena em que isso fica muito claro é quando ele está chegando para falar com o professor e se desloca pelo espaço. Ele não está só andando. Ele está se movendo na relação com o espaço. É quase uma dança, porque a dança, na verdade, tem um conceito mais amplo dos corpos em movimento".

Mesmo conversando com toda a genealogia de tramas sobre estudantes e educadoras/es, que vai de "Ao Mestre, Com Carinho" (1967), com Sidney Poitier (1927-2022), até "Tudo Que Aprendemos Juntos" (2015), com Lázaro Ramos, "Um Lobo Entre Os Cisnes" encontra um colorido particular em seu olhar sobre as incongruências sociais da América Latina.

"A 'cubania' de Dino está totalmente presente e foi uma grande contribuição do próprio Darío, que tem um grande conhecimento de lá, e evidentemente do trabalho da Camila, onde tudo partiu do texto", diz Schechtman. "Camila estudou em Cuba, então ela trouxe de lá todo um conhecimento dela para a história. Nesse olhar sobre Cuba, ela nos contou algumas vivências de observar o trabalho feito na rua pelo balé nacional

Duas mulheres **movidas pela arte**

Luis Antônio Pilar estreia peça que homenageia Léa Garcia e Ruth de Souza, as duas pioneiras do cinema e teatro negro brasileiro

Divulgação

Bárbara Reis (E) dá vida a Ruth de Souza e Ivy Souza é Léa Garcia, que emula um espetáculo que reuniria as duas grandes divas

A morte de Ruth de Souza, aos 98 anos, em 2019, deixou uma sensação de dívida pendente no diretor Luiz Antonio Pilar. Quando Léa Garcia partiu aos 90, logo após a pandemia, o sentimento se intensificou. Agora, o cineasta decide quitar essa conta histórica com "Ruth & Léa", espetáculo em cartaz no Teatro Glaucio Gill, em Copacabana, com Bárbara Reis e Ivy Souza interpretando as duas icônicas atrizes.

A ideia nasceu em 2003, durante uma visita casual à casa de Ruth de Souza. "Era um sábado, ela tinha o hábito de me receber para conversarmos sobre TV e cinema entre um café e biscoitinhos. Para minha surpresa, Léa também estava lá", relembra Pilar. Foi quando Ruth, primeira brasileira indicada a um prêmio internacional de interpretação no Festival de Veneza por "Sinhá Moça" (1953), fez uma observação sobre uma questão que povoava o imaginário popular: "Todo mundo acha que somos inimigas, mas não somos. Ou é a Léa, ou sou eu, ou é a Zezé Motta. Isso dá a impressão de que estamos disputando entre nós, mas são eles que nos colocam nessa posição e nos oferecem pouquíssimas coisas", disse a atriz, confidenciando seu desejo de fazer uma peça com Léa sob a direção de Pilar.

O espetáculo materializa esse encontro nunca realizado. No cenário de Lorena Lima, que evoca um estúdio cinematográfico, duas atrizes chamadas Zezé e Elisa se preparam para interpretar Ruth e Léa em um filme musical sobre suas vidas. Os nomes remetem a Zezé Motta e Elisa Lucinda, continuadoras do legado das pioneiras. Enquanto se preparam para as filmagens, elas refletem sobre as trajetórias dessas mulheres que abriram caminhos no cinema e teatro brasileiros, compartilhando anseios e conquistas sob o acompanhamento musical de Gláucia Negreiros ao piano.

Para Bárbara Reis, que retorna aos palcos após sete anos, a experiência representa um novo olhar artístico. "Tenho adquirido uma perspectiva diferente a partir do olhar cênico dele (Pilar), com liberdade para arriscar e também ser ridícula", explica a atriz, que interpreta Ruth de Souza. O maior desafio tem sido conter sua própria energia para dar vida à personalidade mais contida de Ruth. "É um misto de euforia e realização. A mensagem principal é: nada se constrói sozinho."

Ivy Souza, que interpreta Léa Garcia, conheceu pessoalmente a veterana atriz em 2019, quando Léa assistiu ao espetáculo "Isto É um Negro". "Está sendo muito marcante para mim. Ela sempre foi uma das minhas maiores referências", revela Ivy, refletindo sobre o legado das pioneiras. "Sendo uma atriz negra, tenho consciência de como ela e Ruth puderam mobilizar tantas coisas com as parcas possibilidades que tiveram. E fico pensando: qual futuro é possível plantar agora? Para que um artista negro possa viver a experiência de exercer sua arte como ofício, é preciso suporte e rede."

SERVIÇO

RUTH & LEA

Teatro Glaucio Gil (Praça Cardeal Arcoverde s/nº, Copacabana)
Até 28/7, sábado a segunda (20h)
Ingressos: R$ 60, R$ 30 (meia) e R$ 20 (vale cultura e passaporte cultural)

Morte, vida e **resistência**

Espetáculo premiado do Centro Calouste Gulbenkian sugere reflexão sobre os direitos humanos de crianças e adolescentes das periferias

A violência policial nas favelas brasileiras ganha contornos teatrais em "Ninguém me Ensinou a Morrer", espetáculo que estreia no Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá. A montagem, que já conquistou 12 premiações em festivais nacionais e internacionais, propõe uma reflexão urgente sobre os direitos humanos de crianças e adolescentes das periferias urbanas através de uma narrativa que entrelaça vida, morte e resistência.

Sob a direção de Vilma Melo, o grupo teatral do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, na Praça Onze, apresenta uma encenação que desafia convenções estéticas tradicionais. Para a diretora, que também atua como professora de teatro, o objetivo da obra é um chamado à ação concreta e urgente.

"O maior objetivo desta peça é inspirar ações concretas em prol da justiça social, da equidade e do respeito à dignidade humana, visando construir um futuro onde todas as crianças e adolescentes tenham a oportunidade de crescer em um ambiente livre de violência, discriminação e exclusão", explica.

Any Duarte/Divulgação

O espetáculo gira em torno da sensação de insegurança vivida por jovens da periferia

A dramaturgia se estrutura em três níveis narrativos que percorrem a existência nas favelas, tendo como ponto de partida uma megaoperação policial que ameaça interromper sonhos e vínculos afetivos dos jovens protagonistas. O espetáculo constrói sua linguagem cênica através de movimentos e camadas de dor, resistência e esperança que marcam corpos atravessados pela marginalização social e pela violência estrutural.

A força dramatúrgica reside na pergunta que ecoa como ferida aberta ao longo da encenação: "alguém aí já te ensinou a morrer?". Esta questão atravessa a narrativa de jovens que enfrentam a incerteza de sobreviver a mais uma noite diante da violência que atinge especificamente corpos negros e periféricos.

SERVIÇO

NINGUÉM ME ENSINOU A MORRER
Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá (Av. Geremário Dantas, 940 - Freguesia)
De 26/7 a 3/8, sábados (19h) e domingos (17h) | Ingressos: R$ 40 e R$ 20 (meia)

20th Century Studios/Marvel Studios

A narrativa de 'Quarteto Fantástico: Primeiros Passos' celebra a obra de Jack Kirby, co-criador das maiores lendas da Marvel nos quadrinhos

Quarteto Fantástico: Ao mestre, com carinho

Primeira superfamília da Marvel chega aos cinemas como homenagem a Jack Kirby, lenda esquecida dos quadrinhos

Por **Pedro Sobreiro**

Poucos super-heróis sofreram tanto com adaptações cinematográficas quanto o Quarteto Fantástico. A primeira tentativa de levar essa família superpoderosa para as telonas veio em 1994, com um filme que sequer foi lançado, mas acabou sendo feito apenas para manter os direitos junto ao estúdio. Em 2005 e 2007, a Fox conseguiu emplacar dois filmes que jamais foram unanimidade entre público e crítica. Em 2015, em nova tentativa da Fox, "Quarteto Fantástico" chegou aos cinemas para se eternizar como uma das maiores bombas já feitas na história dos filmes inspirados em quadrinhos.

Agora, em 2025, Senhor Fantástico (Pedro Pascal), Mulher Invisível (Vanessa Kirby), Tocha Humana (Joseph Quinn) e O Coisa (Ebon Moss-Bachrach) chegam às telonas. Neste "Quarteto Fantástico: Primeiros Passos", que estreia nesta quinta-feira (24), o grupo de heróis vive numa Terra alternativa àquela salva inúmeras vezes pelos Vingadores. Nesta realidade com jeitão de 'Os Jetsons', eles são as maiores celebridades do planeta. Porém, sua fama não irá ajudá-los, já que a Surfista Prateada (Julia Garner) anuncia que o gigante cósmico Galactus (Ralph Ineson) está chegando para devorar o mundo.

A convite da Disney, o Correio da Manhã participou da coletiva de imprensa do filme, na qual o diretor Matt Shakman explicou um pouco mais sobre a grande inspiração para contar essa história em uma realidade alternativa.

"Eu sou fanático pelo Quarteto Fantástico desde que era criança, então foi uma honra poder trazê-los para o cinema. E sabia que parte importante deles nos quadrinhos é serem grandes celebridades e influenciadores do mundo. Ou seja, o público já teria ouvido falar sobre eles no universo regular da Marvel caso existissem lá. Por isso, optamos por construir um universo alternativo retrofuturista, e pude me espelhar nos anos 1960 para isso. Toda a equipe trabalhou muito duro para criar esse mundo fantástico que é inspirado nas obras de Jack Kirby e no filme '2001: Uma Odisseia no Espaço'", revelou o diretor.

Kirby foi uma das maiores lendas das histórias em quadrinhos. O artista co-criou ícones como o Capitão América, Hulk, Homem de Ferro, Thor, X-Men e o próprio Quarteto Fantástico. Porém, ele se envolveu em longas disputas judiciais com Stan Lee para poder ser reconhecido também como criador desses personagens, algo que ele morreu sem conseguir. Agora, seu trabalho é enfim reconhecido nos cinemas, tendo um filme inteiro feito em sua homenagem, como confirmou o CEO do Marvel Studios, Kevin Feige.

"Estou muito ansioso para que as pessoas vejam este filme como a carta de amor à imaginação de Jack Kirby, que não é tão comentado pelos fãs quanto deveria. Esse filme não existiria sem seu trabalho. A Marvel não existiria sem ele. Então, o filme em si é sobre o amor e o respeito que temos por Jack Kirby. Tanto que há momentos no filme que vieram diretamente de ideias dele e são homenagens diretas a ele", concluiu Kevin Feige.

Divulgação

Olhares sobre o mundo Kuikuru

Mostra 'Rio Acima' reúne fotografia e artes plásticas em diálogo sobre ancestralidade e resistência cultural

Por **Affonso Nunes**

A Galeria de Arte do Sesc Niterói se transforma em território sagrado na exposição "Rio Acima – Uma Jornada pelo Xingu", uma imersão na cosmologia do povo Kuikuru através do olhar de três artistas unidos pela urgência da preservação cultural. A mostra nasce de uma experiência transformadora de vivência de seus criadores no Alto Xingu, em 2023.

O fotógrafo e documentarista indígena Bob Kuikuro conduz essa jornada sensorial ao lado dos artistas visuais André Hullk (AM) e Igor Izy (RJ). Juntos, eles constroem uma narrativa que vai além do registro documental, propondo um diálogo intercultural onde a arte se torna instrumento de resistência.

As paredes da galeria ganham vida através de pigmentos naturais extraídos da terra do Alto Xingu, enquanto grafismos tradicionais e objetos artesanais criam uma atmosfera que transporta o visitante para o coração da floresta. Sons da mata e cânticos indígenas completam essa imersão sensorial. "A ideia é que o público não apenas observe, mas experimente a cultura Kuikuru de forma integral", explica o curador Marco André Tosatth.

Bob Kuikuru

A exposição mescla trabalhos do fotógrafo Bob Kuikuru e dos artistas plásticos André Hulk e Igor Izy inspirados em vivência dos três no Alto Xingu há dois anos

Divulgação

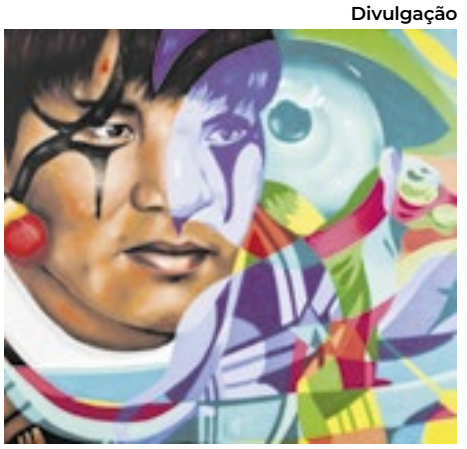
Logo na entrada, um grande painel colaborativo de André Hullk e Igor Izy, inspirado em uma das fotografias de Bob Kuikuro, é o portal de acesso a essa cosmologia. No espaço interno, oito fotografias do artista indígena documentam momentos cruciais do ritual Kuarup, cenas cotidianas da aldeia e a relação harmoniosa entre o povo e a fauna local.

De um lado, quatro telas de Igor Izy exploram as conexões entre os universos indígena e periférico, utilizando a figura da onça como símbolo de força e resistência comum a ambas as realidades. "A onça representa a potência que existe tanto na floresta quanto nas periferias urbanas", observa o artista carioca. Na parede oposta, as obras de André Hullk mergulham na ancestralidade, tratando os corpos como territórios sagrados e investigando a força espiritual que emana dos rituais tradicionais.

A experiência se completa com uma projeção audiovisual que reúne registros captados pelos três artistas durante a vivência no Xingu.

Divulgação

Divulgação



SERVIÇO

RIO ACIMA - UMA JORNADA PELO XINGU

Galeria de Arte do Sesc Niterói (Rua Padre Anchieta, 56 - São Domingos, Niterói) | Até 12/10 | Entrada franca